

Director-Editor
FERREIRA DA SILVA

A quem deve ser dirigida toda a correspondência

Endereço telegraphico
«ALGARVE» — Faro

Não se restituem originaes, sejam ou não publicados, e não se aceitam informações anónimas

Redacção e administração
Rua de Alportel n.º 27

O ALGARVE

SEMANARIO INDEPENDENTE

Domingo, 15 de agosto de 1920

ASSINATI

Pagamento adi

Portugal, Ilhas e Hespanha
Colónias e Estrangeiro

COMUNICADOS E ANÚNCIOS

N.º 3.º e 4.º pagina, cada linha 50

Nas outras paginas, contrato especial

Composto e impresso na Typo-
grafia d'«O Algarve»

RUA DE ALPORTEL, N.º 23—FARO

A produção do figo

Estamos precisamente na época da colheita da principal riqueza da nossa provincia: o figo. Bastante animadora ela se apresenta este ano por isso que, segundo os entendidos, essa colheita deve produzir 12 a 14 000 toneladas do precioso fruto.

Isso nos enche de satisfação por termos que longe de decrescer o valor agrícola e consequentemente comercial da provincia do Algarve, accentua-se o mais possível, tornando-se assim a mais florescente e produtiva do paiz.

Por que assim é entendemos, e comosco estão decerto de pleno accordo todos os produtores e em geral todos os negociantes do artigo, que este deve aproveitar também aos habitantes do Algarve, tanto mais que, como é sabido, o figo constitue um dos melhores e mais saudáveis alimentos devido aos sucos alimentares que contém, todos reconhecidos como de primeira ordem.

Ele constitue até um dos quatro «frutos peitoraes» sendo muito recomendavel para almoços, pois bastam alguns para juntamente com um pouco de pão constituir uma refeição nada para desprezar, principalmente nesta época de manifesta crise e de gêneros de subsistencia. Além disso podem também secar-se, sendo igualmente nesta segunda fase um bom alimento.

O estrangeiro, e nomeadamente a America do Norte, a America do Sul, a Inglaterra, a França, a Italia e a Hespanha apreciam imenso o bello fruto algarvio, tal como apreciam a nossa conserva de peixe, superior a todas, a nossa amendoa e as nossas frutas.

Constituem por isso esses paizes magnificos mercados para aqueles produtos, realizando com eles a nossa provincia excelentes operações que trazem para o paiz importantes drenagens de ouro.

Isso porém, não pode de forma alguma justificar o facto do povo algarvio—filho amanuissimo da terra que leva pelo mundo fora o produto do seu trabalho e o fruto do torrão onde nasceu e onde, com justiça, se orgulha de viver—ficar desprovido quasi completamente desse fruto, tendo de pagar o pouco que aparece a preços verdadeiramente exagerados, como aconteceu o ano passado.

A repetição de tal caso além

de constituir uma falta de respeito pelos habitantes desta provincia, constitue esta anomalia incompreensivel: os estranhos, o proprio estrangeiro, comere mais barato o figo do que o proprio habitante da terra donde ele foi exportado.

Impõe-se portanto uma medida restritiva da exportação. E' agora boa a occasião para a estabelecer. Os vendedores ainda não efetivaram as suas vendas, os compradores ainda não fecharam as suas transações com as casas estrangeiras. Pois bem: estabeleça-se o limite de 90%, para a exportação tanto para o estrangeiro como para as diferentes terras do paiz, de forma que o Algarve fique com quantidade suficiente para o seu consumo.

A digna direcção da novel Associação Commercial criada entre nós, póla e deve occupar-se sem demora d'este assunto, que é de capital importancia para os interesses da nossa provincia.

Assim o esperamos.

ECOS DA SEMANA

Regas

E' desolador o aspecto da cidade na presente quadra. As ruas estão litteralmente cheias de pó que a mais pequena rajada de vento se espalha pelo ar, sujando o facto do pacato transeunte. A' pressagem dos auto-oveis levantam-se verdadeiras nuvens de poeira. Por que isso dá a cidade uma aparência muito pouco civilizada, e porque o mal não é de difficil remedio, daqui lembramos a camara municipal a necessidade de mandar proceder ás necessarias regas.

Desorientação

Uma das coisas de mais funestos resultados para a humanidade é a desorientação. Ora veja o leitor: em quanto os incultos aliados enchem as columnas dos seus jornaes a proclamar a necessidade de intensificar a produção, a conferencia de Spa reconhece por unanimidade o dia normal de 6 horas de trabalho!

A continuação assim é provavel que uma dessas celebres conferencias proclame em breve o dia normal de... 24 horas de descanso!

Em restituição nacional

Diz-se que o governo tem bem encaminhados os seus esforços no sentido de conseguir effectuar um empréstimo interno, e que conta

desde já com o auxilio do mercado.

Será assim, não será? Oxalá que seja, porque na hora grave que passa a falta de protecção ao governo por parte das forças produtoras do paiz para a realisação do empréstimo, podia trazer sérios contratempos á Patria. E esta é que vale tudo.

O valor das salinas

Inseriu o *Diario de Noticias* o relatório dum erudito professor italiano pelo qual se constata o progresso atingido por esse paiz em todos os ramos da actividade nacional. Entre as industrias desenvolvidas conta-se a do aumento racional das salinas, tendo-se tido segudo extrair das aguas mias dessas salinas os sais de potassa de que a Italia pensa em fazer exportação.

Seria essa uma boa fonte de riqueza a estudar e desenvolver na nossa provincia onde, como se sabe, abundam as salinas.

Palavras insuspeitas

São estas que transcrevemos do jornal *O Mundo*, o bem conhecido órgão do partido democratico: «Vive-se num paiz a si que, respira-se podridão e escanabalo, vive-se numa atmosfera de miséria, de suspeita, de miséria e pobreza sem nome... E é assim que vamos vegetando—morrendo lentamente—nós, nação rica,—mas e farrada e miseravel, e aqui não meia dúzia de homens o quize rem ou o povo o deixar...»

Arquive se...

O mictorio

Chegou já a Faro o mictorio ha muito tempo encomendado a uma casa construtora de Lisboa. Segundo dizem é igual aos melhores existentes nas praças da capital.

A camara de Faro porém, é que se tem visto em serios embarracos para a escolha do sitio onde fôr util melhoramento deve ficar. Já tentaram collocar na praça D. Francisco Gomes, pouco mais ou menos no sitio onde tudo indica que devia ficar, mas desistiram. Sempre querem ver onde o mictorio vai parar!

Arvoredo

As poucas arvores que existem ainda por alguns lados da cidade, que tão corajosamente tem sabido resistir aos maus tratos do rapazão e á sede a que a camara se obriga, ainda este verão não tiveram uma unica rega. Alguns até estão proximo de poucos pubescentes!

E a camara tem agora desafogada as suas finanças, a que attribuir tal?

PARA FECHAR

Numa agencia de empregos: —O senhor deseja collocação? —Sim senhor, e pretendo casa comercial. —E seria capaz de se encarregar da caixa? —Certamente! Eu já fui tambor!

O Algarve é o periodo de maior circulação na nossa Provincia.

NOTAS E COMENTARIOS

Segundo os jornaes, na conferencia que os homens da paz tiveram em Spa, discutiu-se o dia normal de 6 horas de trabalho.

Acham-se bem. Com um calor destes e a umas horas destas, as oito horas são insupportaveis. Esta percebido que o homem não nasceu para o trabalho.

Esperamos pelo novo horario; e agora que já se fala no trambulhão do sr. dr. Antonio Granjo, somos de opinião que a lei seja tambem extensiva aos ministros. Assim de seis em seis horas teremos um ministerio novo, para dar logar a que o anterior possa reaver as energias perdidas na leitura dos programas nos discursos, nos cumprimentos e sobre tudo no trabalho havido, para nos convencerem de que pôem acina de tudo o amor da Patria e da Republica.

Conseguiu o actual ministerio, com a confiança que soube inspirar dentro e fora do paiz, melhorar um pouco a situação cambial. E agora que o paiz começa a respirar uma atmosfera de desopressão e a conjurar a acção governativa dos homens que occupam as cadeiras do poder, os parlamentares democraticos dividem-se, entendendo uns dever retirar o apoio á actual ministerio e entendendo outros dever continuá-lo. E o venho-ma da intolerancia e de ambções ainda não satisfeitas sopram-nos em volta do dr. Antonio Granjo, desequilibrando-o e ameaçando-o de uma queda de morte.

Muito tolos são os que ainda se não convenceram de que, neste paiz, só os democraticos podem governar!

Mesmo assim, divididos e em vespereira duma nova cisão, eles e só eles poderão salvar-nos!

Valham-nos os democraticos e a alma de Santa Suzana!

Manuel Guelano de Sousa

HA 44 ANOS

D'«O Districto de Faro» de 10 de agosto de 1876

Uma comissão de artistas, composta dos srs. José Joaquim Gonçalves, Antonio Carlos da Silva Rente, Alexandre José Joaquim de Carvalho e Antonio José Humbinho, todos de Faro, movida pelos impulsos do mais acrisado sentimento de fraternidade, acabi de promover uma subscrição que tem produzido até hoje a quantia de 51880 réis, em favor do infeliz José Francisco Ladeira, seu irmão nas afanosas e santas lides do trabalho honesto e perseverante, e cujos haveres foram ha poucos dias pasto das chammas na aldea de S. Braz de Alportel.

Encetou hoje nesta cidade a sua publicação o *Comercio do Sul*, periodico hebdomadario.

Deixamos longa vida ao novo colega.

No concelho de Faro foi de-

O vintem dos pobres

Se o Estado, que tem dinheiro para tudo menos para satisfazer a necessidades desta natureza, o não quer ou não pode fazer, por que não havemos todos nós, os que nos orgulhamos de pertencer á mais linda provincia da Patria cantada por Gândavo, a iniciativa de melhorar a sorte a tantos desgraçados, concorrendo com a cotilla insignificante e mínima de um vintem por semana?

Melhor seria que, voluntariamente todos nós, por isso devessemos, mas, na impossibilidade de despartir do povo da nossa provincia esse sentimento altruista, não poderiamos os municipios criar essa receita com o imposto especial a que no numero anterior nos referimos?

Um vintem por mês não vai agravar a miséria de ninguém e pode concorrer para melhorar a miséria dos que morrem no mais completo abandono, esmagados sob o peso de tantos preconceitos e anomalias desta sociedade, que compoemamente se diz civilizada.

Iludem-se os que julgam irrealisavel uma ideia desta natureza.

Solo-ha, de facto, quando se provar que, no Algarve, o amor do proximo é letra morta.

Pois bem: nós vamos, aqui, inaugurar as actividades, dos capitalistas, do comercio, da industria e do povo honrado e trabalhador, as suas opiniões á cerca de *O vintem dos pobres* e neste mesmo lugar daremos conta dessas opiniões, procurando quanto possível tornar a realidade, o que por enquanto, não passa de uma aspiração.

E' necessario construir asilos-escolas, ampliar e melhorar as instituições de beneficencia que já existem, para acabar de vez com esse espectáculo desolador, das creanças esfarrapadas, esfaimadas e a diuham-se lentamente á mingua de recursos.

E' necessario amparar a *velhice algarvia*, que mendiga pelas portas e pelos caminhos e sobre tudo acabar com o espectáculo vergonhoso da *bichada dos reisinhos*, ao sabado, por essas portas dos lavores da fortuna. Para bichas já

nos bastam as do açúcar e as, dos generos que escaceiam. Vamos medir agora a grandeza do coração algarvio! Que ele se abra em effluvia de bondade sobre os miseraveis que agonizam, e o nosso mais profundo e sentido desajol!

Começa o Algarve a querer emancipar-se do poder central, com uma autonomia administrativa, ao mesmo tempo que o sentimento da arte e do bello parece absorvido.

Pois bem: não pode haver o sentimento das coisas belas, onde não houver coração; e não tem direito a emancipar-se os corações que não sabem sentir.

Gentes de dinheiro, homens de vigor e trabalho que vos orgulhaes de pertencer a esta terra privilegiada, lembrai-vos que antes de todas as nossas necessidades, de todas as misérias dos que pouco ganham, ha a miséria onde tudo falta desde a agua ao pão; ha a miséria maxima que é uma vergonha para o nosso século e uma afronta aos mais rudimentares principios de humanidade!

Lembre-mos-nos de todos os orfãos e enjeitados da sorte!

Também amanhã, quando menos o esperarmos, os nossos filhos, poderão ser orfãos e a sorte voltará a ser mais completo abandono!

Façamos agora aos outros, o que amanhã desejaremos que nos façam e aos nossos filhos, se a sorte não for adversa.

Não é humano, quem não encerrar a serio o problema da miséria. Estender a mão, para dar esparafatosamente uma miseravel coadula da camara municipal, ou do Banco emissor, não é ser humano. Esse gargarhar e essa loucura que al correm em quanto nas ruas e nas massardas agonizam invalidos velhos e creanças, constituem um crime de que é preciso penitenciar-nos.

Mostremos ao mundo que somos civilizados e humanos.

Propaguetemos o bem e encontraremos o premio no fundo das nossas consciencias.

(Continua)
Manuel Guelano de Sousa

gas do paiz, estamos ao lado da Propaganda de Portugal em prol da sua louvavel campanha.

NOTÍCIAS PESSOAES

Encontram-se a ares nos subúrbios de Loulé a esposa e filhos do nosso presado director sr. Ferreira da Silva.

—Está em Vidago com sua esposa o sr. Arsenio Dias Campos.

—Das Caldas de Monchique onde estavam a banhos regressaram a Faro o sr. Jacintho Alexandre Correia Neves e esposa.

—Esteve em Faro o sr. René B. Villars.

—Regressou do Alemtejo o sr. Henrique Cansado, director da Companhia de Moagem do Algarve.

—Com a força do seu comando retirou para Moura o capitão de infantaria 17, sr. Manoel José Serpa.

—A sr.ª D. Rosa Barroso de Moraes, esposa do sr. dr. Alber

Contos de O ALGARVE

Os molhos de lenha de Nanette

Nanette era uma pobre velhinha, que vivia só numa misera mansarda. Nem todos os dias a pobre tinha que cozer, mormente quando os achacos da idade obstavam a que saísse a esmolhar.

Então valia-lhe a caridade de algum visinho que lhe levava um pouco de pão e leite.

Nanette via com estremecimentos de horror aproximar-se o inverno com o seu cortejo de frio, neve e chuva.

Apoiada ao peitoril da janela, dizia a triste numa tarde:

—Ahi meu Deus! eis o inverno que se aproxima. Não tenho carvão nem lenha, nem tão pouco dinheiro para os comprar.

Seguramente morrerei de frio, porque vou ficar sem lume para me aquecer.

Deve dizer-se, que isto se passava em Paris onde os invernos são

cessario trala das ruas com pás para se poder transitar!

Ora a velha Nanette tinha feito as suas queixas em voz alta tão desolada e triste, chorando ao mesmo tempo, que não reparou em tres rapazinhos que, sob a sua janela, brincavam e que conhecendo muito bem a pobrezinha, saíam a miséria em que ella vivia.

Chamavam-se eles Gastão, Marcelo e Roberto, e sempre que de manhã avistavam a velhinha, cumprimentavam-na como bons e educados meninos.

Ora Gastão, que ouviu o que acima fica dito, segreda aos companheiros: Eu sei o que é necessario fazer para que a velha Nanette se possa aquecer no inverno.

—Dize depressa, Gastão. Se não é difficil fazemo-lo já.

—Não, não é difficil. A' tarde, quando voltarmos da escola podemos arranhar um feixe de lenha.

Não faltam ramos secos caídos das arvores ao longo do nosso caminho.

E' verdade, disseram os outros dois rapazes esfregando as mãos.

Nós faremos um feixe para a tia Nanette.

E todos os dias depois de virem da escola, os tres rapazinhos, corriam daqui para ali a apanhar os ramos que o vento fazia cair das arvores.

Eles diligenciavam ter sempre um bom feixe antes de cair a

noite. Al,umas vezes mesmo passando deante da porta dum marceneiro pediam-lhe os pedaços de madeira que ficavam das suas obras.

Então Gastão, Marcelo e Roberto subiam alegremente a escada de Nanette e depunha-lhe o feixe deante da porta.

Ahi que bons e corajosos rapazes!

O inverno foi bem frio. A chuva e a neve caíram com abundancia, o vento soprou fortemente, mas na chaminé de Nanette houve sempre fogo.

Como ella se sentia feliz deante da bela e quente chama que lhe fornecia o calor tão necessario ao seu gasto organismo!

Quando os tres rapazinhos subiam a escada com o feixe, ella abria a porta e dizia-lhes abanando a cabeça:

Obrigado meus pequenos amigos! Vós tendes piedade da minha miséria, isso vos dará felicidade!

E Gastão, Marcelo e Roberto sentiram-se felizes por poder prestar este serviço á sua velha visinha.

Eles nunca passaram sem lhes trazer o seu molho de lenha.

Ahi! a neve podia cair, o vento podia sacudir as arvores; Nanette não se julgava no inverno.

Os ramos ardiam bem, e fazia um bello calor na mansarda de Nanette.

